



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

O GRITO E A RUA

Alexandre Kubrusly Bornstein

Rio de Janeiro

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

O GRITO E A RUA

Alexandre Kubrusly Bornstein

Relatório técnico submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Doutor Ivan Capeller

Rio de Janeiro

2015

O GRITO E A RUA

Alexandre Kubrusly Bornstein

Relatório técnico submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Aprovado por

Prof. Doutor Ivan Capeller, ECO/UFRJ

Profa. Doutora Anita Leandro, ECO/UFRJ

Prof. Doutor Fernando Fragozo, ECO/UFRJ

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro

2015

BORNSTEIN, Alexandre Kubrusly.

O Grito e a Rua/ Alexandre Kubrusly Bornstein – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2015.

41 f.

Relatório Técnico (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2015.

Orientação: Ivan Capeller

1. Jornadas de Junho. 2. Manifestação. 3. Movimentos populares. I. CAPPELER, Ivan (orientador) II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. O Grito e a Rua

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo carinho e pelo apoio, à Mariana Moraes também pelo carinho, pelas aventuras culinárias e pelas intermináveis discussões entre marxismo e anarquismo, ao Ivan Capeller pela orientação e a todos que lutam em prol de uma sociedade livre.

BORNSTEIN, Alexandre Kubrusly. **O Grito e a Rua**. Orientador: Ivan Capeller. Rio de Janeiro, 2015. Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Trata-se de uma obra audiovisual de cerca de 20 minutos que procura retratar as diversas manifestações que ocorreram no Rio de Janeiro entre junho e outubro de 2013. O processo de produção do curta-metragem começou em 2013 quando se deram as gravações dos protestos. Foram ao todo 22 manifestações filmadas nesse período.

Dessa forma os processos de concepção e roteirização do filme se deram depois da gravação. Do ponto de vista formal, a narrativa do curta-metragem articula-se através das palavras de ordem proferidas, dos cartazes presentes e de algumas cartelas inseridas ocasionalmente. Isso foi feito no intuito de aumentar a sensação de imersão do espectador e, na medida do possível, deixar as manifestações falarem por si. O percurso histórico do filme vai desde o aumento da tarifa dos ônibus em junho até a prisão em massa dos manifestantes no dia 15 de outubro, procurando levantar as principais reivindicações que surgiram nesse período.

A opção por esse documentário se deu pelo desejo de investigar esse acontecimento histórico, não como um observador afastado, mas a partir de um ponto de vista claro: o de um manifestante. Com isso o documentário tem como objetivo também servir como discurso político, indo na contra mão do discurso da mídia tradicional.

JORNADAS DE JUNHO, MANIFESTAÇÕES, MOVIMENTOS POPULARES

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1.....	13
Fig.2.....	14
Fig. 3.....	15
Fig. 4.....	16
Fig. 5.....	16
Fig. 6.....	17
Fig. 7.....	18
Fig. 8.....	18

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Objetivo.....	10
1.2 Contexto histórico.....	11
1.2.1 Contexto precedente.....	11
1.2.2 Jornadas de Junho.....	12
1.3 Justificativa de relevância.....	19
1.4 Organização do relatório.....	20
2. NOVAS MÍDIAS E O DOCUMENTÁRIO.....	21
2.1 Internet e as manifestações.....	21
2.2 Outros filmes sobre o tema.....	22
3. PRODUÇÃO DO ARQUIVO AUDIOVISUAL.....	25
3.1 Processo de filmagem.....	25
3.2 Equipe e infraestrutura necessária.....	27
3.3 Orçamento.....	27
4. CONCEPÇÃO E ROTEIRIZAÇÃO.....	28
4.1 Concepção formal.....	28
4.2 Concepção do conteúdo.....	28
4.3 Roteiro.....	31
4.4 Aquisição de direitos necessários.....	32
4.5 Público.....	33
5. PÓS-PRODUÇÃO DA OBRA.....	34
5.1 Edição de imagem.....	34
5.2 Edição de som.....	35
5.3 Finalização.....	36

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6.1 Sobre as Jornadas de Junho.....	37
6.2 Sobre o filme.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
FILMOGRAFIA.....	41

1. INTRODUÇÃO

1.1 Objetivo

O objetivo deste trabalho é produzir um curta-metragem documental sobre as manifestações que ocorreram no Rio de Janeiro em 2013. O curta foi produzido a partir de imagens filmadas por dois cinegrafistas, Alexandre Kubrusly e Mariana Moraes em 28 manifestações diferentes.

O objetivo do filme é contar a história das manifestações através das palavras de ordem e dos cartazes dos manifestantes. As imagens e os sons do filme não estão organizados de forma estritamente cronológica. Estão agrupados de acordo com seus temas, que por sua vez estão ordenados de forma cronológica, respeitando o surgimento das pautas nas manifestações, sabendo o quão difícil é determinar essa cronologia tendo em vista a amplitude e a multiplicidade dos protestos. Dessa forma, interessa mais ao filme sugerir um retrato audiovisual do que foram as manifestações do que organiza-las em um fluxo cronológico rígido.

Não se trata, no entanto de um retrato objetivo ou imparcial, muito pelo contrário, o filme tem um ponto de vista claro, o de um manifestante. Dessa forma, o curta tem também como objetivo servir como contraponto ao discurso da mídia tradicional, tanto em seu conteúdo político quanto em sua forma audiovisual.

Do ponto de vista político, o curta evoca as diversas pautas que surgiram ao longo das manifestações. Começando pelo aumento da passagem de ônibus, passando pela insatisfação com o governador Sérgio Cabral, pela desmilitarização da polícia militar, pela indignação com a morte do ajudante de pedreiro Amarildo, pela greve dos professores e terminando no dia 15 de outubro com a prisão de 64 manifestantes e a apreensão de 20 menores.

Do ponto de vista formal, o discurso do filme articula-se através das palavras de ordem proferidas pelos manifestantes, dos cartazes levantados e de algumas cartelas que são inseridas para contextualizar o filme ou explicar alguma referência externa ao curta. O objetivo dessas inserções é tornar o filme claro mesmo para quem não tenha participado das manifestações, não more no Rio de Janeiro ou mesmo no Brasil.

1.2 Contexto Histórico

Diversos acontecimentos ocorridos antes de 2013 foram muito importantes para o surgimento das manifestações e determinantes dos rumos que o movimento tomou. Dessa forma o item “Contexto Histórico” será subdividido em dois subitens, o “Contexto Precedente”, onde serão relatados alguns acontecimentos que antecederam as manifestações em 2013 e depois “Jornadas de Junho”, onde serão relatados os protestos desse período, começando em São Paulo e depois se aprofundando no Rio de Janeiro.

1.2.1 Contexto precedente

O transporte público ocupa um lugar central nas grandes cidades, sendo essencial para que os cidadãos tenham pleno acesso aos seus direitos - tais como educação, saúde, cultura, lazer etc. Com o crescimento dos centros urbanos e a remoção da população mais pobre para áreas periféricas da cidade, o transporte público se torna cada vez mais crítico para a população.

Não é de hoje que aumentos nas tarifas do transporte público geram grandes revoltas populares. No Rio de Janeiro, em 1880, aconteceu a chamada Revolta do Vintém, quando o preço dos bondes puxados por burros subiu para um vintém. A população, revoltada, esfaqueou burros, espancou condutores, apedrejou a cavalaria da polícia e acabou conseguindo a revogação do aumento (BETONI, 2012).

Mais recentemente, em 2003, houve a chamada Revolta do Buzú, em Salvador, protagonizada por estudantes, e que por três semanas paralisou o centro de Salvador contra o aumento na tarifa dos ônibus. Tanto a Revolta da Catraca, ocorrida em 2004 em Florianópolis, quanto a Revolta do Buzú foram acontecimentos históricos importantes para a posterior criação do Movimento Passe Livre (MPL), em 2005, na Plenária Nacional pelo Passe Livre, em Porto Alegre¹.

Além disso, houve outros acontecimentos no Rio de Janeiro que também podem ser apontados como precedentes das Jornadas de Junho. Um deles foi o movimento Ocupa Rio, em 2011, quando a Cinelândia foi ocupada por cerca de 100 barracas em que ocorriam os mais diversos debates e vivências políticas através de grupos de discussão e grupos de

¹ Para mais informações visite: saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/

trabalho organizados horizontalmente, e onde as decisões eram tiradas por consenso (TEIXEIRA, 2011). Um modelo muito semelhante a esse foi adotado pelas diversas assembleias populares que surgiram durante as Jornadas de Junho no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, entre outras.

Outro acontecimento importante foi a greve dos professores da UFRJ em 2012, que durou três meses e teve grande mobilização. No mesmo ano, houve também a campanha do deputado Marcelo Freixo à prefeitura, que foi marcada por grande militância e mobilização nas ruas, mas que não saiu vitoriosa. Toda essa movimentação demonstrava uma latente insatisfação com os rumos políticos tomados na cidade e no país.

1.2.2 Jornadas de Junho

Para a realização dessa contextualização histórica foi consultada a cronologia de BORBA, FELIZE E REYS (2014) e as seguintes notícias de jornal: *Balanço de presos durante atos de vandalismo no Centro do Rio* (MONTEIRO, 2013), *Chacina da Maré completa um mês*. (O DIA, 2013) *Administradores da página Balck Bloc na web são soltos no Rio* (G1, 2013), *Professores do RJ decidem encerrar greve em assembleia tumultuada* (G1 2013).

No dia 03 de junho, o MPL organizou o primeiro ato contra o aumento da tarifa dos ônibus em São Paulo, de R\$ 3 para R\$ 3,2. Ocorreram novas manifestações em São Paulo nos dias 6, 7 e 11 de junho, tendo sido esta última marcada pelo grande número de manifestantes e a crescente violência policial. Nesse dia, dois jornalistas foram alvejados nos olhos por balas de borracha (um deles perdendo a visão), 241 pessoas foram detidas e mais de 105 ficam feridas, segundo o MPL. Nas redes sociais, inúmeros relatos, fotos e vídeos retratando a violência policial circularam, servindo como forma de mobilização e de discurso alternativo ao da grande mídia que insistia em criminalizar os manifestantes e fechar os olhos para a violência do Estado.

No dia 17 de junho aconteceu a primeira grande manifestação contra o aumento da tarifa no Rio de Janeiro, uma das maiores da história da cidade. Essa manifestação é marcada pela grande diversidade de pautas, tais como, a redução do aumento da passagem, melhores serviços de saúde e educação, fim da corrupção, críticas aos gastos com a copa do mundo e contra a violência policial. No final da manifestação, um grupo de policiais é acuado e se refugia dentro da sede da ALERJ. Um grupo de manifestantes tenta invadir o prédio, o que é

amplamente noticiado pela grande mídia. Também são noticiadas repetitivamente pela mídia, as agências bancárias depredadas e as lojas saqueadas.

O discurso midiático, a partir daí, trata de separar os manifestantes em dois grupos bem definidos. De um lado os manifestantes pacíficos e “legítimos” que desejam melhorias para o país, e, de outro lado, os “vândalos e baderneiros”, que, segundo os grandes veículos de informação, se aproveitam das manifestações para promover um “quebra-quebra” generalizado e sem sentido.

Dois dias depois dessa manifestação, no dia 19 de junho, o prefeito do Rio, Eduardo Paes, anuncia a revogação dos R\$ 0,2 de aumento e a passagem volta a R\$ 2,75. No dia 20 de junho, acontece a maior manifestação de todas das Jornadas de Junho no Rio de Janeiro. Centenas de milhares de pessoas marcharam da candelária até a prefeitura pela Avenida Presidente Vargas. Esse dia foi marcado mais uma vez pela grande diversidade de pautas e pela grande violência por parte da polícia, que atacou e perseguiu os manifestantes incessantemente pelo centro da cidade e arredores. Houve manifestantes presos no prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, presos no prédio da Faculdade Nacional de Direito ou até mesmo em bares e restaurantes em bairros adjacentes do centro, como a Lapa e a Glória. Esse protesto foi marcado por um forte sentimento nacionalista e pela predominância do discurso contra a corrupção como pauta central.

A grande mídia noticiou essa manifestação como sendo de uma grande maioria pacífica, reivindicando melhores serviços públicos e o fim da corrupção e dando grande ênfase ao caráter nacionalista do protesto. Ainda segundo a grande mídia, um pequeno grupo de pessoas começou o confronto com a polícia sem motivo nenhum e depois seguiu com atitudes de vandalismo - tais como quebrar vidraças de bancos, pontos de ônibus, placas de sinalização etc.



Fig. 1: 30/06 final da copa das confederações.

A manifestação do dia 27 de junho marca uma mudança de rumo nos protestos. Apesar de ser bem menor em número de manifestantes, marcou a volta da predominância das pautas de esquerda e de suas organizações tradicionais (partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais). Não houve confronto nesse dia, apesar da grande quantidade de policiais presentes.

Durante os meses de julho, agosto, setembro e outubro, inúmeras manifestações aconteceram no Rio de Janeiro, não sendo raro acontecerem duas ou até três manifestações na mesma semana. Dessa forma não se pretende aqui relatar todas essas manifestações, mas sim descrever um panorama geral, buscando traçar as principais mudanças de rumo e as pautas levantadas ao longo desses meses.

No dia dois de julho, houve uma manifestação na Av. Brasil, em uma das entradas da Maré, em repúdio à operação do BOPE que ocorrera oito dias antes. No dia 24 de junho, depois da morte de um Sargento em uma troca de tiros com traficantes, os policiais do BOPE entraram na favela e mataram nove pessoas.



Fig. 2: 02/07 Av. Brasil.

No dia 11 de julho, aconteceu uma manifestação convocada pelas centrais sindicais no Centro da cidade. O protesto terminou com confronto entre a polícia e manifestantes, entre eles adeptos da tática *Black Bloc*. Nesse mesmo dia o jornal A Folha de São Paulo e o jornal O Dia publicaram matérias sobre os adeptos dessa tática², o que gerou uma grande discussão em torno desta e de seus adeptos.

² Matéria da Folha de São Paulo: www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1309858-entenda-o-que-e-o-ativismo-black-bloc-presente-nas-manifestacoes.shtml; Matéria do Dia: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-07-11/integrantes-do-black-bloc-entram-em-confronto-com-manifestantes.html>

Apenas três dias depois, no dia 14 de julho, o ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza foi levado à sede da Unidade de Polícia Pacificadora da Rocinha por policiais e nunca mais foi visto. O caso ganhou grande repercussão nas redes sociais e, a partir daí, apareceu como pauta em diversas manifestações desse ano. Tornou-se emblemático como crítica aos inúmeros casos de assassinatos e tortura cometidos pela polícia todos os anos.

No dia 27 de julho ocorreu a Marcha das Vadias, protesto que acontece todos os anos em diversos países contra o machismo e pelas causas LGBT. A marcha se deu em Ipanema no mesmo dia em que acontecia a Jornada Mundial da Juventude, grande evento católico que acontecia em Copacabana com a presença do papa Francisco. Durante a marcha, diversas pautas, como a violência policial nas favelas e o sumiço do Amarildo, surgiram, apesar de não serem a tônica do protesto.



Fig. 3: 27/07 Marcha das Vadias.

Antes das Jornadas de Junho, em março de 2013, a Aldeia Maracanã, ocupação indígena localizada no entorno do estádio, havia sido removida em uma operação violenta da Polícia Militar. Muito antes disso, o prédio havia abrigado o Museu do Índio entre 1953 e 1977, quando este foi transferido para Botafogo. Entre 1977 e 2006, o prédio ficou abandonado e foi ocupado nesse ano pelos indígenas. No dia cinco de agosto de 2013, cinco meses depois da remoção, a aldeia foi reocupada por seus moradores originais e por um grupo de manifestantes, em apoio.

Apenas três dias depois, no dia oito de agosto, um grupo de manifestantes ocupou a Câmara dos Vereadores exigindo maior participação nas decisões políticas da cidade e também que a CPI sobre o transporte público fosse presidida pelo vereador Eliomar Coelho (PSOL), autor do requerimento.



Fig. 4: Ocupa Câmara.

No mesmo dia, os profissionais da educação municipal e estadual entraram em greve, exigindo mais autonomia pedagógica, aumento salarial e melhores condições nas escolas para alunos, funcionários e professores, entre outras pautas. A greve se estendeu até outubro e contou com grande apoio da população. Com duas semanas de greve, no dia 23 de agosto, o prefeito Eduardo Paes concede um aumento de 8% no piso salarial da rede municipal. Esse dia é marcado por uma grande manifestação que marcha da prefeitura, na Cidade Nova, até a Cinelândia, no Centro.



Fig. 5: 23/08 Manifestação dos profissionais da educação.

No dia quatro de setembro, cinco dias antes do Grito dos Excluídos, três administradores da página do Facebook “Black Bloc RJ” foram presos e dois menores foram apreendidos e indiciados por formação de quadrilha armada e por incitação à violência. Uma semana depois, os três conseguiram um habeas corpus e responderam ao processo em liberdade.

O Grito dos Excluídos, no dia sete de setembro, dia da independência, foi marcado por uma grande manifestação com as mais diversas pautas - como a liberdade de expressão, o fim da violência de Estado, a liberdade para os administradores da página então presos, entre outras. A manifestação foi marcada por diversas detenções arbitrárias, sendo um manifestante preso.



Fig. 6: 07/09 Grito dos Excluídos.

O período que se estende entre agosto e outubro foi marcado por diversas manifestações em apoio da greve dos professores municipais e estaduais, contando com ocupações na frente da ALERJ, na frente da Câmara Municipal e até mesmo dentro do prédio da prefeitura. No dia primeiro de outubro, foi votado e aprovado o novo Plano de Cargos e Carreiras para os profissionais da educação do município. Esse plano era visto como um retrocesso para a categoria e, desde a sua divulgação, havia se tornado uma das principais pautas combatidas nas manifestações. Mesmo assim, nesse dia, com a Câmara cercada por todos os lados por policiais do Choque negando o acesso do público à votação, o novo plano foi aprovado. Havia nesse dia uma grande multidão que, até o último momento, tentou impedir a sua aprovação apesar da forte repressão policial, que usou largamente bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo e tiros de bala de borracha.



Fig. 7: Black Bloc em apoio a ato dos profissionais da educação.

Exatamente duas semanas depois, no dia 15 de outubro, dia do professor, houve uma grande manifestação da Igreja da Candelária à Cinelândia em apoio à greve dos professores. Nesse dia, a Polícia Militar cercou e deteve cerca de 190 manifestantes que ocupavam as escadarias da Câmara Municipal. Desses, 64 maiores de idade foram presos e 20 menores foram apreendidos. No dia 31 de outubro houve outra manifestação, chamada Grito da Liberdade, tendo como principal pauta a liberdade de manifestação.



Fig. 8: 15/10 Carro da PM incendiado.

A partir de outubro as manifestações começaram a diminuir em sua frequência e número de participantes. No final do ano, em dezembro, aconteceram algumas manifestações contra o aumento da passagem anunciado e, no dia seis de fevereiro, o cinegrafista da TV Bandeirantes, Santiago Andrade, foi atingido por um rojão em uma manifestação e levado para o hospital, mas acabou morrendo no dia 10. Esse evento foi amplamente noticiado pela grande mídia de forma a deslegitimar e desmobilizar ainda mais as manifestações.

Mesmo depois desse incidente alguns protestos continuaram e continuam até hoje acontecendo. No entanto, o dia seis de fevereiro pode ser considerado o fim do ciclo das manifestações que começaram em junho. Isso porque, a partir dessa data, os protestos foram rareando e mobilizando cada vez menos pessoas.

1.3 Justificativa de relevância

Ao longo da história, a conquista dos direitos dos trabalhadores, estudantes, desempregados, aposentados, gays, lésbicas, negros, transexuais etc. tem sido fruto da sua mobilização, organização, criatividade e luta. Dessa forma, a manutenção e ampliação desses direitos se dão através desses mesmos processos. A relevância das manifestações de 2013 no Rio se dá exatamente na medida em que elas foram importantes nesses processos de mobilização e luta.

A quantidade de pessoas que foram às ruas em 2013, no Rio, foi extremamente surpreendente. Dessa grande quantidade de pessoas surgiu uma enorme variedade de pautas, que, especialmente a partir de julho, tomaram um caráter claramente de esquerda. Algumas pautas se sobressaíram, como: mobilidade urbana, desmilitarização da polícia, democratização da mídia, insatisfação com os gastos com a copa e exigência de melhores serviços públicos. São reivindicações essenciais para a melhoria da qualidade de vida da grande maioria da população nos centros urbanos.

Além disso, a partir das manifestações, surgiram novos coletivos e organizações que, mesmo com o fim desse ciclo de protestos, seguem militando e construindo novas ideias, discursos e práticas. Um bom exemplo disso são os diversos coletivos de mídia alternativa que surgiram e continuam atuando no Facebook e no Youtube, principalmente. Alguns exemplos são: Mídia Independente Coletiva, Coletivo Mariachi, Rio na Rua, entre inúmeros outros grupos.

Dessa forma, como em qualquer acontecimento histórico, o registro e a posterior reflexão são fundamentais para a melhor compreensão do episódio e para que surjam novas ideias, estratégias e formas de organização para a continuidade da luta.

1.4 Organização do Relatório

Esse relatório será organizado em seis capítulos. O primeiro capítulo é a introdução, que visa explicar o objetivo do trabalho e contextualizá-lo historicamente. O segundo capítulo analisa como as novas tecnologias de comunicação influenciam na linguagem audiovisual e no documentário e trata de alguns outros documentários produzidos a respeito do mesmo tema. O terceiro trata do processo de filmagem do curta e o quarto trata da concepção e roteirização da obra. A concepção da obra encontra-se depois do processo de filmagem porque esse curta-metragem foi filmado antes de ser concebido, isto é, a partir do material audiovisual pré-existente o filme foi concebido e roteirizado. O quinto capítulo trata do processo de edição e finalização do filme e o sexto capítulo é reservado à reflexão sobre as manifestações como acontecimento histórico e o papel do filme nesse contexto.

2. NOVAS MÍDIAS E O DOCUMENTÁRIO

2.1 Internet e as manifestações

A internet teve um papel importante nas Jornadas de Junho por dois motivos principais. Em primeiro lugar, a internet, mais especificamente o Facebook, serviu como ferramenta de mobilização das manifestações. A grande maioria dos protestos era marcada como “Eventos” na rede social e era divulgada através do compartilhamento por diversos coletivos ou indivíduos interessados, alcançando assim um grande número de pessoas.

Em segundo lugar, a internet foi o terreno fértil onde se deu o surgimento dos diversos grupos de mídia alternativa que cobriam as manifestações através de vídeos, textos e fotos. Esses grupos foram muito importantes por se contrapor ao discurso da mídia tradicional e criar suas próprias narrativas sobre os eventos.

As tecnologias digitais e a internet destacam-se de outras tecnologias e meios de comunicação por diversos aspectos, pois permitem que arquivos (fotos, vídeo, textos) sejam copiados sem perda nenhuma de informação e com o custo quase zero. Isto é, em se tratando de arquivos digitais, não existe mais distinção entre original e cópia, e, além do mais, tirando os custos necessários para a obtenção do equipamento (computador, celular, *tablet* etc.), o custo da cópia é quase zero.

Some-se a isso a conexão em rede entre os indivíduos e o acesso livre e gratuito a grande parte do conteúdo da internet e o resultado é um enorme acervo, dos mais variados conteúdos, disponível a um grande número de pessoas. Dessa forma, a internet proporciona uma variedade de produtos audiovisuais muito maior do que a televisão além de ser muito mais flexível, visto que os conteúdos podem ser assistidos a qualquer momento sem estarem vinculados a uma programação preestabelecida.

Segundo Santini e Calvi (2013),

Mesmo que, em um primeiro momento, a lógica do consumo audiovisual na Rede pareça principalmente reproduzir o consumo massivo dos produtos audiovisuais mais populares das indústrias culturais, a observação da realidade indica também uma significativa expansão do consumo de produtos minoritários e independentes na Internet.

Isto é, por um lado pode-se ver na internet a imitação e a repetição dos conteúdos audiovisuais da indústria cultural, mas, por outro lado, pode-se ver um aumento no alcance de produtos audiovisuais diferentes, que surgem devido ao grande número de indivíduos e

coletivos que funcionam como emissores de conteúdo, o que nos leva a outra característica marcante da internet. A fronteira entre produtor e consumidor, tão clara na televisão e no cinema, torna-se mais difusa nesse novo meio de comunicação. Isto é, grande parte dos espectadores também são produtores. Outro fator importante para esse fenômeno é o contínuo barateamento dos equipamentos necessários para a produção de vídeo.

No entanto, essa enorme quantidade de material disponível também gera um problema, principalmente para os usuários que não tem tanta familiaridade com as ferramentas de busca: a dificuldade de se localizar determinados conteúdos (SANTINI e CALVI, 2013). Dessa forma, alguns sites possuem ferramentas que sugerem conteúdos semelhantes aos mais assistidos para cada usuário. À primeira vista, isso pode parecer uma boa resolução para esse problema organizacional, mas, por outro lado, nos leva a outra questão. Esse lugar das sugestões é muitas vezes comprado por determinado site, página ou canal. Dessa forma, a lógica que muitas vezes se mantém é a de que os sites ou páginas com mais poder econômico acabam por ter mais visibilidade.

Um exemplo emblemático disso é o Facebook. Se, por um lado, qualquer pessoa pode criar uma página e, portanto, tornar-se emissora de conteúdo, por outro, o alcance das publicações de uma determinada página pode aumentar muito se o administrador da página pagar uma taxa para o Facebook. Com esse recurso, as publicações que mais têm circulação no site são muitas vezes as publicadas por páginas com maior poder econômico.

Portanto, pode-se concluir que a internet, embora esteja longe de ser uma mídia perfeitamente democrática, como por vezes é propagandeada, é uma ferramenta muito importante por dois principais aspectos. Primeiro, porque possibilita o acesso de grande parcela da população a inúmeros produtos culturais e, segundo, por ser um meio de comunicação muito mais democrático do que a televisão, já que possibilita um número muito maior de emissores de informação.

2.2 Outros filmes sobre o tema

Muitos outros filmes foram produzidos sobre o mesmo tema, entre eles: “Junho – O Mês que Abalou o Brasil”, “Rio em Chamas”, “Com Vandalismo” e “A Partir de Agora”.

O primeiro é uma produção da TV Folha, da Folha de São Paulo, e foi dirigido por João Wainer. Trata-se de um documentário clássico, em estilo jornalístico que trata especificamente do mês de junho principalmente em São Paulo. O filme narra as

manifestações desde o início do mês, cronologicamente, através de cartelas que são inseridas indicando a data.

O longa-metragem é constituído de entrevistas que são intercaladas com imagens das manifestações com músicas por cima, de forma que resta muito pouco espaço para o som das próprias manifestações no filme. Os depoimentos que guiam a narrativa são de filósofos, sociólogos, professores, jornalistas e manifestantes. Além dessas falas, também aparecem diversas cenas de políticos discursando, entre eles o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, o governador Geraldo Alckmin e a presidente Dilma Rousseff.

Já “Rio em Chamas” tem uma abordagem diferente. O longa é composto por diversas cenas dirigidas, filmadas e montadas por pessoas diferentes, com Daniel Caetano assinando a montagem final. O filme trata somente da cidade do Rio de Janeiro e compreende o período do início das manifestações, em junho, até a morte do dançarino DG, em abril de 2014. A obra mistura cenas documentais desse período com cenas ficcionais, imagens de arquivos de outros momentos históricos e animação. Cada cena do filme, por ser dirigida por uma pessoa diferente, possui uma estética e um tema próprios, mas sempre gravitando em torno das manifestações.

Ao contrário dos dois filmes anteriores, “Com Vandalismo”, do coletivo Nigéria, não entrou no circuito comercial de cinema, tendo como principal meio de divulgação a internet³. O filme se passa em Fortaleza e narra cronologicamente os acontecimentos de quatro manifestações entre os dias 19 e 27 de junho. O longa-metragem é constituído quase que exclusivamente de imagens e sons gravados nas manifestações - com a exceção de uma voz em *off* que entra ocasionalmente para esclarecer determinadas situações. De resto, o filme é montado através de cenas dos protestos, palavras de ordem e depoimentos gravados nas manifestações. A discussão central do filme é se a violência de determinados participantes para com a polícia é legítima ou não.

“A partir de Agora”, dirigido por Carlos Pronzato, também não entrou no circuito comercial de cinema⁴. Trata-se de um longa-metragem constituído quase que exclusivamente de entrevistas com ativistas, advogados, professores, sindicalistas, estudantes, militantes de movimentos sociais etc. O filme busca analisar o contexto político, econômico e social antes das manifestações, bem como esboçar os significados das Jornadas de Junho e suas possíveis

³ Para assistir o filme visite: www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s

⁴ Para assistir o filme visite: www.youtube.com/watch?v=3dIPZ3rarO0

consequências. As entrevistas foram gravadas em diversos estados do Brasil e tratam de todo o período das manifestações sem precisar um recorte temporal.

Em “O Grito e a Rua”, produzido nesse trabalho, temos como recorte espaço-temporal a cidade do Rio de Janeiro, de junho a outubro de 2013. A construção da narrativa se dá através das palavras de ordem proferidas e dos cartazes levantados, sem contar com depoimentos ou vozes em *off*. O filme procura levantar quais foram as principais pautas e acontecimentos do período. Não se pretendeu, entretanto, produzir um filme que seja neutro ou isento de opinião – já que a maior autonomia das imagens e sons, no curta, é uma opção política.

3. PRODUÇÃO DO ARQUIVO AUDIOVISUAL

3.1 Processo de filmagem

Antes de começar a filmar as manifestações, os dois cinegrafistas do curta-metragem já frequentavam os protestos pelo interesse político no assunto. Na medida em que as manifestações cresciam, levantavam mais pautas e se tornavam assunto central nos meios de comunicação, os dois cinegrafistas decidiram filmá-las.

O processo de filmagem começou no dia 27 de Junho, tendo como objetivo inicial produzir e divulgar vídeos de caráter jornalístico para contrapor o discurso da mídia tradicional (televisão e jornais de grande circulação). Isto é, num primeiro momento o objetivo era filmar e editar pequenos vídeos sobre as manifestações e divulga-los nas redes sociais. Ao longo do processo foi criado um arquivo audiovisual de cerca 36 horas, que serviu de fonte para a montagem desse trabalho.

Entre julho e dezembro os dois fotógrafos faziam parte do coletivo de comunicação Vírus Planetário que produz uma revista mensal de mesmo nome, possui um site de notícias e reportagens, uma página no Facebook e um canal de vídeos no Youtube. Durante esses meses os cinegrafistas trabalharam na construção desse canal de vídeos filmando e editando um total de 14 vídeos com entrevistas, debates, depoimentos e reportagens sobre as manifestações e temas correlatos⁵.

O processo de filmagem se deu entre o dia 27 de junho de 2013 e o dia 6 de fevereiro de 2014, sendo ao todo 28 dias de gravação. Segue abaixo a relação dos eventos e manifestações que foram filmados:

Dias de filmagem	Descrição
27/06/2013	Manifestação na Av. Rio Branco, Centro.
30/06/2013	Manifestação no entorno no Maracanã, no dia da final da Copa das Confederações.
02/07/2013	Manifestação na Av. Brasil, em decorrência da chacina da Maré, na qual 9 moradores foram assassinados pela Polícia Militar.
11/07/2013	Manifestação na Av. Rio Branco, Centro, convocada pelas centrais

⁵ Para acessar o canal visite: www.youtube.com/user/virusplanetario/videos

	sindicais.
22/07/2013	Manifestação na R. Pinheiro Machado, Laranjeiras, no dia da chegada do Papa Francisco ao Rio de Janeiro.
27/07/2013	Marcha das Vadias em Copacabana e Ipanema, no mesmo dia da Jornada Mundial da Juventude que acontecia em Copacabana.
30/07/2013	Manifestação no centro até o Ministério Público.
01/08/2013	Manifestação partindo de São Conrado até Ipanema pelo sumiço do ajudante de pedreiro Amarildo, morador da rocinha.
06/08/2013	Reocupação da Aldeia Maracanã, Maracanã.
08/08/2013	Ocupação da Câmara Municipal na Cinelândia, Centro.
09/08/2013	Manifestação na Cinelândia, Centro.
12/08/2013	Manifestação dos professores estaduais na R. Pinheiro Machado, em frente ao palácio da Guanabara, Laranjeiras.
16/08/2013	Manifestação dos professores estaduais na R. Pinheiro Machado, em frente ao palácio da Guanabara, Laranjeiras.
23/08/2013	Manifestação dos professores estaduais e municipais na Av. Presidente Vargas, Centro.
07/09/2013	Grito dos Excluídos na Av. Presidente Vargas, Centro.
11/09/2013	Acampamento dos professores na frente da ALERJ, Centro.
20/09/2013	Ocupação da prefeitura pelos professores municipais, Centro.
01/10/2013	Manifestação na Cinelândia, Centro, contra o Plano de Cargos e Carreiras que era votado na Câmara Municipal.
30/09/2013	Manifestação dos professores na frente da Câmara Municipal, Centro.
07/10/2013	Manifestação da Candelária até a Cinelândia, Centro, em apoio à greve dos professores.
10/10/2013	Manifestação dos professores estaduais na R. Pinheiro Machado, Laranjeiras.
15/10/2013	Manifestação em apoio à greve dos professores na Cinelândia, Centro. Neste dia a Polícia Militar cercou e prendeu 64 maiores e 20 menores manifestantes que ocupavam a escadaria da Câmara Municipal.
18/10/2013	Manifestação pela liberdade dos presos políticos na Cinelândia, Centro.

21/10/2013	Manifestação contra o leilão do Pré-Sal na Barra da Tijuca.
25/10/2013	Manifestação contra a Rede Globo do Jardim Botânico até a Praça São Salvador, Laranjeiras.
31/10/2013	Grito da Liberdade, manifestação da Candelária até a Lapa, Centro, pelo fim da perseguição aos ativistas.
20/12/2013	Manifestação contra o novo aumento da passagem anunciado, na Av. Presidente Vargas, Centro.
06/02/2013	Manifestação na Av. Presidente Vargas na qual o cinegrafista da Band Santiago morre ao ser atingido por um rojão.

3.2 Equipe e Infraestrutura necessária

Todo o material foi filmado por dois cinegrafistas, Mariana Moraes e Alexandre Kubrusly. Na grande maioria dos dias foram usadas duas câmeras, uma Canon 60D e uma Canon T3i. Nas filmagens diurnas foram utilizadas as lentes 18-135mm f3.5-5.6 e 18-55mm f3.5-5.6 por serem lentes mais versáteis e com estabilizador ótico de imagem e nas filmagens noturnas foram usadas as lentes 28mm f1.8 e 50mm f1.4, por serem lentes mais claras. Todos esses equipamentos são dos próprios profissionais envolvidos.

O som foi gravado através de um microfone direcional Rode Video Mic, plugado diretamente a uma das câmeras para aumentar a mobilidade dos cinegrafistas e facilitar o processo de gravação. Além do equipamento propriamente audiovisual, também foram utilizados equipamentos de proteção individual como capacete, máscara de gás e óculos de proteção visando assegurar a integridade física dos cinegrafistas.

3.3 Orçamento

Os únicos gastos do filme foram o HD externo para armazenamento do material, cerca de 740 Gb e as passagens de ônibus para o transporte dos cinegrafistas. O custo para o armazenamento foi de aproximadamente R\$ 100,00, enquanto que o custo total de passagem foi cerca de R\$ 275,00, totalizando R\$ 375,00. Como o processo de filmagem começou por iniciativa dos próprios cinegrafistas, todos os custos foram repartidos entre os dois.

4. CONCEPÇÃO E ROTEIRIZAÇÃO

A concepção do filme se deu depois do processo de gravação do material. Dessa forma, a concepção do filme é, em grande parte a concepção da montagem do filme. Partindo desse grande arquivo havia duas principais questões a serem resolvidas. Uma de caráter mais formal e estético e outra que diz respeito ao conteúdo político do filme. A questão formal trata de como seria contada a história do filme, quais recursos audiovisuais seriam utilizados para isso. Enquanto que o conteúdo político diz respeito aos acontecimentos e pautas políticas levantadas durante o período que entraram no filme.

4.1 Concepção formal

O ponto de partida para a estruturação formal do filme foi uma investigação sonora das manifestações. Isto é, tentar mapear, através de uma pesquisa no arquivo audiovisual quais eram os principais sons presentes. Partindo desses sons, a ideia era ordená-los seguindo uma linha estética e levantando as principais pautas presentes nas manifestações. Assim, o som torna-se um elemento fundamental de construção da narrativa e de definição da estética do filme.

Dessa forma, as pautas das manifestações são encadeadas principalmente através das palavras de ordem gritadas pelos manifestantes. Somam-se a isso os cartazes que, ora reforçam o que está sendo gritado, ora acrescentam novas pautas e outras vezes precedem o que será gritado. O objetivo aqui é que o ritmo próprio das imagens e sons das manifestações fosse o fio condutor principal da montagem do filme.

Optou-se por essa estrutura formal tendo como objetivo uma maior inserção do espectador no universo dos protestos, buscando uma estética mais realista. Além disso, buscou-se, na medida do possível, que a história fosse contada pelas próprias manifestações, dando maior autonomia para as imagens e os sons gravados.

4.2 Concepção do conteúdo

Neste item serão descritas as principais reivindicações e acontecimentos desse período que foram levantados na concepção do filme e que nortearam a criação do roteiro e a montagem do curta. Isto é, o filme objetiva levantar as principais pautas que surgiram nas

manifestações em 2013 e ordená-las seguindo aproximadamente sua ordem de aparição. É muito difícil determinar precisamente o aparecimento de determinada pauta devido à grande quantidade de reivindicações, a quantidade maior ainda de pessoas e a frequência das manifestações. O mês de Julho, por exemplo, foi especialmente rico no surgimento de pautas e foi marcado por cerca de 10 manifestações pela cidade de forma que é muito difícil determinar o surgimento preciso destas.

No entanto, é possível traçar um esboço razoável do aparecimento das principais reivindicações. É esse esboço que tece o fio condutor do curta-metragem. Tudo começa, como anunciado pela cartela inicial do filme, com o aumento de R\$ 0,20 na passagem de ônibus. A partir do momento em que a multidão ocupa as ruas, duas pautas, quase que automaticamente surgem: o fim da violência policial e o fim do oligopólio dos meios de comunicação. Isso porque, a ocupação das ruas pela multidão tem duas consequências imediatas, a repressão policial e o ataque da grande mídia visando deslegitimar as manifestações. A violência policial é personalizada na figura do Governador do Estado, o Sérgio Cabral, a quem a Polícia Militar é subordinada. Essa reivindicação está presente no filme através da palavra de ordem “Cabral é ditador”. A crítica ao oligopólio dos meios de comunicação recai naturalmente sobre a Rede Globo, a maior emissora do país e surge no filme a partir das palavras de ordem “A verdade é dura, a rede globo apoiou a ditadura” e “Para a mídia melhorar, queremos democratizar, e se a gente se unir, a rede globo vai cair”.

Outra pauta que estava presente desde o início das manifestações são os enormes gastos do dinheiro público com obras para a Copa do Mundo e a contrastante situação dos serviços públicos mais básicos como saúde e educação, presente no filme através da palavra de ordem “Da copa eu abro mão, eu quero mais dinheiro pra saúde e educação”. Daí surge também a crescente insatisfação com a FIFA, empresa responsável pela Copa do Mundo, evidente na palavra de ordem “Ei FIFA, vai tomar no *cu*”.

Paralelamente à crítica da atuação da polícia nas manifestações, surge e se soma a crítica às ações da mesma polícia nas favelas. Essa relação fica clara nos cartazes “Na periferia a bala não é de borracha” e “A polícia que reprime na avenida é a mesma que mata nas favelas” presentes no filme. A partir do sumiço do ajudante de pedreiro Amarildo no dia 14 de julho essa crítica se intensifica e evolui para uma crítica às Unidades de Polícia Pacificadora, as UPPs. Dessa forma, no filme, podemos ouvir a palavra de ordem “Ei polícia, cadê o Amarildo?” gritada por manifestantes que cercam um carro do Choque.

Diante de toda essa violência do Estado, surgem grupos dispostos a se defender e responder à violência da polícia. É a partir de meados de Julho que começa a se falar dos *Black Blocs*, grupo de manifestantes vestidos de preto, que assumem a dianteira nas manifestações, prontos para responder à violência do Estado e atacar símbolos do capitalismo. No filme, os *Black Blocs* surgem ao som do grito “Deixa passar a revolta popular” e segurando a faixa “Fora Supervia”. O objetivo dessa sequência é contextualizar os adeptos da tática *Black Bloc* no Rio que eram, em sua maioria, moradores dos subúrbios da cidade e, portanto usuários dos trens da Supervia e com muita disposição para o confronto. Disposição essa que é sintetizada no grito mais comum dos *Black Blocs* no Rio: “Uh! Uh! Uh! Uh!”.

Paralelamente ao surgimento dos adeptos dessa tática, surgem também reivindicações mais radicais, evidenciadas no filme na palavra de ordem “Poder! Poder para o povo! E o poder do povo, vai fazer um mundo novo!”, mostrando a convicção de determinados grupos de que através de um poder verdadeiramente popular pode-se construir um mundo novo.

Outra pauta também presente nas manifestações de 2013 é a luta contra o machismo, a homofobia e, mais timidamente, a transfobia. A expressão máxima dessas reivindicações nesse ano foi a Marcha das Vadias, no dia 27 de julho, que aparece no filme. Essa marcha acontece todo ano, em diversos países e não foi consequência direta das Jornadas de Junho. No entanto, é interessante notar que as reivindicações da marcha das vadias estavam presentes em diversas outras manifestações da mesma forma que as pautas surgidas nos protestos anteriores também estavam presentes na Marcha das Vadias.

A próxima pauta levantada é a da greve dos professores estaduais e municipais, que começa no dia oito de agosto e se estende até o dia 24 de outubro. Na palavra de ordem “Não quero copa, eu quero ver, o meu aluno saber ler e escrever” pode-se perceber, de certa forma um retorno à palavra de ordem que abre o filme: “Da Copa eu abro mão, quero mais dinheiro pra saúde e educação”. Isto é, permanece o sentimento de insatisfação com os grandes gastos de dinheiro público com a Copa do Mundo e o descaso com a educação pública. O acontecimento que fecha o percurso histórico do filme é a prisão de 64 maiores de idade e apreensão de 20 menores que ocupavam a escadaria da câmara municipal no dia 15 de outubro, dia do Professor, e que foi marcado por uma manifestação muito grande em apoio à greve.

A cena final do filme tem por objetivo ressaltar que apesar das prisões, e para além do fim desse ciclo de manifestações, a luta continua. Além disso, através da letra do grupo

Anarcofunk, “Alô povão, busca a organização, nossa luta é contra o estado, contra a pátria e o patrão” o filme sugere a necessidade de organização para a continuidade da luta.

No entanto, alguns pontos importantes nas manifestações ficaram de fora do filme. São eles: o Ocupa Câmara, a reocupação da Aldeia Maracanã e a morte do cinegrafista Santiago de Andrade em fevereiro de 2014. De maneira geral, isso se deu pela limitação de tempo de um curta-metragem e pela grande diversidade de acontecimentos durante esses meses.

O Ocupa Câmara e a Aldeia Maracanã não entraram no filme por se tratarem de histórias relativamente longas e complexas que, para serem abordadas pelo filme teriam que ser contextualizadas e explicadas suas consequências, o que tomaria muito tempo. Dessa forma decidiu-se não abordar esses acontecimentos.

Havia dois possíveis finais para o percurso histórico do filme, um deles era a prisão dos 64 manifestantes no dia 15 de outubro e outro era a morte do cinegrafista Santiago no dia seis de fevereiro de 2014. Decidiu-se por terminar o filme em outubro porque a inclusão da morte do cinegrafista pressupunha a inserção de mais três meses de manifestação. Dessa forma, visando respeitar a duração do curta-metragem, optou-se por encerrar o filme com a prisão em massa.

4.3 Roteiro

Depois de levantadas as principais pautas e acontecimentos que guiariam o percurso histórico do filme, foi feita a decupagem do material audiovisual. Esse processo foi feito dentro do próprio programa de edição que posteriormente foi usado na montagem do filme, o Adobe Premier Pro CS6. Dessa forma, os vídeos foram assistidos e as melhores partes foram selecionadas e catalogadas em sete categorias: palavras de ordem, imagens de multidão ou de indivíduos na multidão, imagens de cartazes, imagens da polícia, confronto com a polícia, música nas manifestações e cenas mais específicas, como por exemplo, a prisão dos 64 manifestantes.

Depois disso, as palavras de ordem, como seriam o principal fio condutor do filme, foram classificadas por temas, levando em conta a concepção de conteúdo explicada acima. As categorias foram: aumento da passagem do ônibus, gastos com a Copa do Mundo, fora Globo, fora Cabral, pelo fim da Polícia Militar, contra os abusos policiais nas favelas, temas relativos aos *Black Blocs*, temas relativos ao feminismo e as lutas LGBT e por fim, a greve dos professores.

Com o material enfim organizado, determinou-se as 10 cenas que compõem o filme. São estas:

1 – As pautas que surgem no início das manifestações, ou seja, a insatisfação com a Copa, com o Cabral, com a Globo e com a Polícia Militar.

2 – Mc Leonardo cantando na manifestação do dia dois de julho na Av. Brasil, já introduzindo as pautas referentes à violência policial nas favelas, que por sua vez nos leva à história do Amarildo.

3 – Primeira cena de confronto entre manifestantes e policiais que termina com a prisão arbitrária de um senhor idoso.

4 – Ao som da “Marcha Imperial” do filme Star Wars, imagens que nos remetem à ficção científica da polícia nas manifestações.

5 – Surgem os *Black Blocs*, com suas palavras de ordem e cartazes.

6 – Marcha das Vadias, levantando as reivindicações feministas e LGBT.

7 – Greve dos professores, com suas palavras de ordem e cartazes, introduzida pela banda “Nada deve parecer impossível de mudar”, presente em muitas das manifestações.

8 – Segunda cena de confronto entre a polícia e manifestantes, mais longa e mais violenta, introduzida por um plano ao som de “Bulls on Parade” onde um manifestante, com uma camiseta escrita “PM” finge espancar outro manifestante com a pele mais escura e uma peruca preta.

9 – Cena da prisão em massa dos manifestantes, que encerra o percurso histórico do filme.

10 – Cena final, ao som de Anarcofunk, em que manifestantes arrancam a bandeira do Brasil de um poste e prendem a bandeira preta.

A partir desse roteiro foi então montado o filme. Durante o processo de edição houve algumas pequenas alterações no roteiro, como a inserção da cena introdutória e a inserção de algumas cenas de passagem, como a batucada que foi inserida entre a cena 5 e a cena 6 e o trompetista que entrou entre a cena 7 e 8.

4.4 Aquisição de direitos necessários

Quase todo o material audiovisual presente no filme foi gravado pelo autor do presente trabalho e por sua companheira e foi utilizado com o seu consentimento. As exceções são as músicas “The Imperial March (Darth Vader’s Theme)”, composta por John Williams para o

filme “Star Wars episódio V: O Império Contra-Ataca”, e “Bulls on Parade”, da banda “Rage Against the Machine”. Ambas as músicas entram por menos de 30 segundos no filme, respeitando assim as leis de direito autoral.

4.5 Público

Pretende-se inscrever o filme no maior número possível de festivais específicos de curta-metragem ou documentário e distribuir livremente cópias entre coletivos e movimentos sociais interessados. Pretende-se também disponibilizar o filme no site Youtube para que possa alcançar o maior número possível de pessoas. Isso, no entanto só será feito posteriormente, visto que grande parte dos festivais infelizmente não aceitam filmes que estejam disponíveis na internet.

5. PÓS-PRODUÇÃO DA OBRA

5.1 Edição de Imagem

O filme foi editado no programa Adobe Premier Pro CS6, por Alexandre Kubrusly, utilizando seu próprio equipamento pessoal. Tendo o material decupado e o roteiro estabelecido, o trabalho de edição começou com a seleção dos melhores momentos que comporiam cada cena.

Tendo as cenas montadas, o próximo passo foi adicionar algumas imagens por cima da trilha principal, procurando recriar o ambiente das manifestações e mostrar as alterações nesse ambiente ao longo do tempo. Além disso, as imagens de cartazes inseridas têm como objetivo adicionar outras pautas para além das palavras de ordem.

Em alguns momentos pontuais do filme foram utilizados recursos imagéticos específicos, como *freeze frame* e câmera lenta. O primeiro aparece logo na cena inicial do filme quando um grupo de policiais está arrastando um manifestante pelo chão. O objetivo desse recurso é mostrar ao espectador o que se passou naquele momento, já que sem o *freeze frame* fica muito difícil ver o manifestante sendo arrastado.

Mais para o final do filme, na segunda cena de confronto entre policiais e manifestantes, é usada a técnica da câmera-lenta no momento em que um policial corre em meio aos manifestantes segurando um pedaço de bambu de uns dois metros e agride uma pessoa com sua arma improvisada. Aqui novamente o recurso é utilizado para esclarecer e evidenciar o que se passa, visto que a imagem está bem tremida, consequência do compreensível nervosismo do cinegrafista.

Além do caráter informativo, esses dois recursos também têm um efeito dramático e o objetivo de provocar uma maior reflexão sobre as imagens, através da dilatação temporal provocada por ambos os efeitos.

As cartelas entraram para situar o filme espacial e historicamente, com o objetivo de que este seja compreensível mesmo para aqueles que não acompanharam os protestos, ou que moram em outras cidades ou até outros países. Além das cartelas sobre o fundo preto, aparecem também, duas vezes no filme, anotações curtas sobre as imagens. Uma delas conta brevemente a operação do BOPE na Maré no dia 24 de junho de 2013 e a outra narra rapidamente o desaparecimento do Amarildo. Ambas as anotações tem como objetivo apresentar o contexto histórico necessário ao entendimento do filme. Além disso, em alguns

momentos do curta-metragem entram legendas para que as falas ou palavras de ordem difíceis de entender tornem-se compreensíveis.

5.2 Edição de som

Como foi dito no item “Concepção formal”, o fio condutor da narrativa do filme são os sons, em especial as palavras de ordem. Dessa forma, a estruturação inicial do filme nas suas 10 cenas foi primordialmente uma edição sonora baseada no roteiro estabelecido.

Essa montagem sonora, além de seguir os pontos levantados na concepção do conteúdo, seguiu uma linha estética estabelecida, procurando alternar momentos de palavra de ordem com músicas e, no caso de diversas palavras de ordem seguidas, procurando respeitar o ritmo delas e encadeá-las de forma que as transições, tanto rítmicas quanto melódicas, fossem suavizadas.

Há dois momentos do filme em que músicas externas, gravadas em estúdio entram. A primeira delas é “The Imperial March (Darth Vader’s Theme)” composta por John Williams para o longa-metragem “Star Wars episódio V: O Império Contra-Ataca”. Nesse filme, essa música é o tema do personagem “Darth Vader” que é o antagonista da história, marcado pela sua crueldade e visual característico. Os policiais do Choque, com seu uniforme completo incluindo sua armadura plástica e sua máscara de gás, ficam extremamente parecidos com o personagem. Tendo percebido essa semelhança, os manifestantes por diversas vezes entoavam o tema do “Darth Vader” ao se depararem com policiais do Choque vestidos dessa forma. O que foi feito na edição do filme foi ampliar essa piada com a entrada da música original do Star Wars e diversas imagens da polícia que realmente nos remetem à ficção científica.

O outro momento é quando entra a música “Bulls on Parade”, da banda “Rage Against the Machine”. Aqui novamente a música já estava presente no contexto das manifestações através do ciclista *Black Bloc* que carrega em sua bicicleta uma caixa de som. Novamente o que foi feito foi apenas estender e intensificar um elemento que já estava presente no protesto. Dessa forma, entra o som original da música acompanhado de imagens de uma performance em que um manifestante com uma camiseta escrito “PM” finge espancar outro que tem a pele mais escura e veste uma peruca preta, retratando o racismo e a violência policial. A junção da performance com a música é uma tentativa de retratar a violência como espetáculo, nos remetendo a filmes de ação ou *videogames*.

A música termina de forma abrupta e há um breve momento de silêncio, que é interrompido de forma igualmente súbita pelo som da explosão de uma bomba, bem na frente da câmera. Aí começa a cena realista da violência policial nas manifestações, bem diferente da cena anterior. A partir daí o filme segue quase que exclusivamente com o som direto captado, apenas é inserido um som constante de helicóptero para aumentar a tensão da cena, procurando reconstruir o clima dos protestos nesses momentos de confronto.

Há ainda outros momentos do curta em que se utiliza o silêncio como recurso sonoro. São eles: o momento em que um policial, armado com um bambu, agride um manifestante e no plano em que um policial, filmado em *close* olha para a câmera e sacode a cabeça, como que pensando “Vocês não sabem com o que vocês tão brincando”. Em todos esses momentos, o silêncio é utilizado para reforçar a imagem, isto é, cessam os estímulos auditivos para que o espectador preste atenção somente nas informações visuais.

5.3 Finalização

A finalização do filme consistiu em duas etapas: a mixagem do som e a correção de cor das imagens. A mixagem constituiu-se principalmente da equalização dos volumes dos sons e da suavização das passagens entre as cenas ou planos, na medida da necessidade. Já a correção de cor teve como objetivo diminuir as diferenças de cor e contraste entre as imagens. Isso porque alguns planos foram gravados de noite com luz amarela, outros com luz azulada, outros ainda foram gravados de dia, no sol, e outros de dia, na sombra. Dessa forma, visando uma transição mais fluida entre os planos, procurou-se diminuir essas diferenças.

Tanto a mixagem de som quanto a correção de cor tiveram como objetivo atenuar as diferenças entre os planos, mas sempre mantendo uma estética realista, isto é, as correções foram aplicadas de forma sutil.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 Sobre as Jornadas de Junho

Durante as Jornadas de Junho dois aspectos específicos das manifestações ocuparam um lugar central na mídia: os confrontos entre manifestantes e policiais e os ataques a bancos, prédios públicos etc. Os meios de comunicação tradicionais trataram esses manifestantes como uma minoria descolada do grupo, oportunista, que só visava causar caos e baderna. Os principais alvos atacados por esses indivíduos eram agências bancárias, lojas de grandes empresas (telecomunicações, eletrodomésticos etc.), prédios públicos, carros de veículos de comunicação e carros da polícia. Diferentemente do que a grande mídia repetia insistentemente, havia motivos claros para esses ataques.

O completo descolamento entre as demandas populares e os interesses defendidos na Prefeitura, na Câmara Municipal e na Assembleia Legislativa, por sua vez, pode ser indicado como um motivo que levou aos ataques a esses prédios.

A grande mídia e a polícia, por sua vez, foram protagonistas dos esforços feitos em prol da desmobilização dos protestos. A polícia, cumprindo sua função de braço armado do Estado e reprimindo violentamente as manifestações, a mídia criminalizando estas e assim legitimando a violência policial. Essa atuação conjunta entre polícia e mídia não é exclusiva do contexto das manifestações. Muito pelo contrário, é bem comum. Se, segundo a grande mídia, os “vândalos” dos protestos merecem gás lacrimogêneo e balas de borracha, segundo esta mesma, os “traficantes” das favelas merecem tiro de fuzil. Com esse discurso, esses veículos legitimam e normatizam os inúmeros casos de assassinatos nas favelas por parte de policiais. Dessa forma são compreensíveis os inúmeros conflitos entre manifestantes, repórteres e policiais.

O ponto central defendido aqui é que a violência praticada pelos manifestantes não é nada se comparada à violência cotidiana a que estamos expostos, especialmente os grupos marginalizados e/ou discriminados. Por diversas vezes pode-se observar a polícia montando guarda na frente de agências bancárias pronta para defender as instituições financeiras e atacar os manifestantes. Quer dizer, até parece que vidraças e dívidas são mais importantes do que seres humanos.

No entanto, o fato dessas ações serem legítimas não significa que sejam estratégicas. Não é à toa que os noticiários gastavam tanto tempo de sua programação para noticiar essas ações.

A disposição para o confronto dos manifestantes foi usada como argumento para criminalizá-los, legitimar a ação da polícia e clamar por mais violência do Estado. Isso pode ter sido um dos motivos que levou as manifestações a perder apoio popular e diminuir progressivamente. Não se trata de culpar os manifestantes, isso ocorre como consequência da ação conjunta da mídia com o Estado. Por outro lado, qualquer movimento que vá de encontro aos interesses do Estado e das grandes empresas vai, mais cedo ou mais tarde, ter que enfrentar essa conjunção de criminalização e repressão - o que os obriga a pensar de forma estratégica. Nos últimos meses de manifestação, quando pouco se ouviam palavras de ordem e as ruas já estavam esvaziadas, a insistência no confronto com a polícia parece ter sido um erro.

No entanto a criação de táticas e estratégias coletivas pressupõe um lugar de reflexão, troca de opiniões e diálogo entre os diversos grupos que compunham as manifestações. Em diversas cidades, inclusive no Rio de Janeiro, viu-se o surgimento, ainda que incipiente das assembleias populares. Essas assembleias aconteciam em praças, eram abertas a todos que quisessem participar, não possuíam nenhuma espécie de hierarquia e as decisões eram tomadas por consenso entre os integrantes. No Rio de Janeiro havia pelo menos quatro: a Assembleia do Largo, no Largo de São Francisco, Centro, a Assembleia da Câmara, na Cinelândia, Centro, a Assembleia da Tijuca e a Assembleia do Méier. Nessas assembleias eram tratados problemas dos bairros e da cidade e pensadas ações coletivas para enfrenta-los.

Não se trata de espaços que possam substituir organizações fechadas ou movimentos sociais, muito pelo contrário, são espaços para articulação entre diversos coletivos e indivíduos independentes. A importância das assembleias consiste na construção de espaços horizontais e abertos de discussão política, na ação direta dos indivíduos envolvidos e na solidariedade e apoio mútuo entre essas pessoas. Isto é, os indivíduos tomam para si as questões que dizem respeito ao seu bairro, sua cidade e seu país e, no limite, o mundo e, através do apoio mútuo, procuram se organizar e se articular para enfrenta-las. Além disso, as assembleias populares trazem consigo um novo espaço para a atuação política, para além dos espaços tradicionais-institucionais e trazem a necessidade da organização descentralizada e horizontal (FERNANDES, 2015).

6.2 Sobre “O Grito e a Rua”

Voltando ao filme produzido nesse trabalho, seu principal objetivo é promover uma reflexão acerca dos acontecimentos e disputar a narrativa histórica que se consolidará.

Diversas narrativas estão sendo construídas sobre as manifestações de 2013. Algumas dão demasiada importância ao nacionalismo presente em junho sem sequer relatar os acontecimentos de julho em diante, outras criticam a suposta falta de foco do movimento. Dessa forma surge a necessidade de se criar narrativas alternativas para contrapor-las ao discurso da mídia tradicional.

Para aqueles que não foram às manifestações, a versão dos fatos que acaba se consolidando muitas vezes é a da grande mídia, que narra os acontecimentos de acordo com seus interesses, muitas vezes mentindo e manipulando as informações. Dessa forma, o “Grito e a Rua” pretende levar para o máximo de pessoas possível uma visão sobre as Jornadas de Junho que valoriza a multiplicidade das pautas e evidencia a violência do Estado.

REFERÊNCIAS

BETONI, Camila S. *Do “Fora Vintém” à Tarifa Zero!* (2012). Disponível em: <tarifazero.org/tag/revolta-do-vintem/> Acesso em: 07/2015.

BORBA, Maria; FELIZI, Natasha; REYS, João Paulo (Org.). *Brasil em movimento: reflexões a partir dos protestos de junho*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FERNANDES, Gustavo. *Por Uma Nova Compreensão das Jornadas de Junho: formas descentralizadas de ação política e crítica ao “espontaneísmo” analítico* (2015). Disponível em: <passapalavra.info/2015/02/102712> Acesso em: 07/2015.

G1. *Administradores da página Balck Bloc na web são soltos no Rio* (2013). Disponível em: <g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/09/administradores-da-pagina-black-bloc-na-web-sao-soltos-no-rio.html> Acesso em: 07/2015.

G1. *Professores do RJ decidem encerrar greve em assembleia tumultuada* (2013). Disponível em: <g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/professores-do-rj-decidem-encerrar-greve-em-assembleia-tumultuada.html> Acesso em: 07/2015.

MPL. *Apresentação* (2013). Disponível em: <saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/> Acesso em: 07/2015.

MONTEIRO, Juliana. *Balanço de presos durante atos de vandalismo no Centro do Rio* (2013). Disponível em: <www.policiaivil.rj.gov.br/exibir.asp?id=17813> Acesso em: 07/2015.

O DIA. *Chacina da Maré completa um mês*. (2013) Disponível em: <odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-07-25/chacina-da-mare-completa-um-mes.html> Acesso em: 07/2015.

SANTINI, Rose Marie; CALVI, Juan C. O Consumo audiovisual e suas lógicas sociais na rede. [Editorial] Comunicação Mídia e Consumo. Vol. 10. Pag 159-182. São Paulo, Março de 2013.

TEIXEIRA, Eduardo Tomazine. *A Ocupa Rio e sua inserção no movimento mundial* (2011). Disponível em: <passapalavra.info/2011/11/48081> Acesso em: 07/2015.

FILMOGRAFIA

A partir de agora. Carlos Pronzato. Lamestiza Audiovisual. 2014. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=3dIPZ3rarO0> Acesso em 07/2015.

Com Vandalismo. Nigéria Filmes. 2013. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s> Acesso em 07/2015.

Junho: O mês que abalou o Brasil. João Weiner. TV Folha. 2014

Rio em Chamas. Daniel Caetano; Eduardo Souza Lima; Vinícius Reis; Cavi Borges; Diego Felipe Souza; Luiz Claudio Lima; Ana Costa Ribeiro; Ricardo Rodrigues; Vítor Gracciano; Luiz Giban; Clara Linhart; André Sampaio. Duas Mariola; Cavídeo. Hy Brazil Filmes; Subúrbio em Transe; Linhas de Fuga; Aimara Filmes; Cinema de Guerrilha da Baixada; Gaiivota Studio; Gamarosa Filmes e Inventarte Produções. 2014.